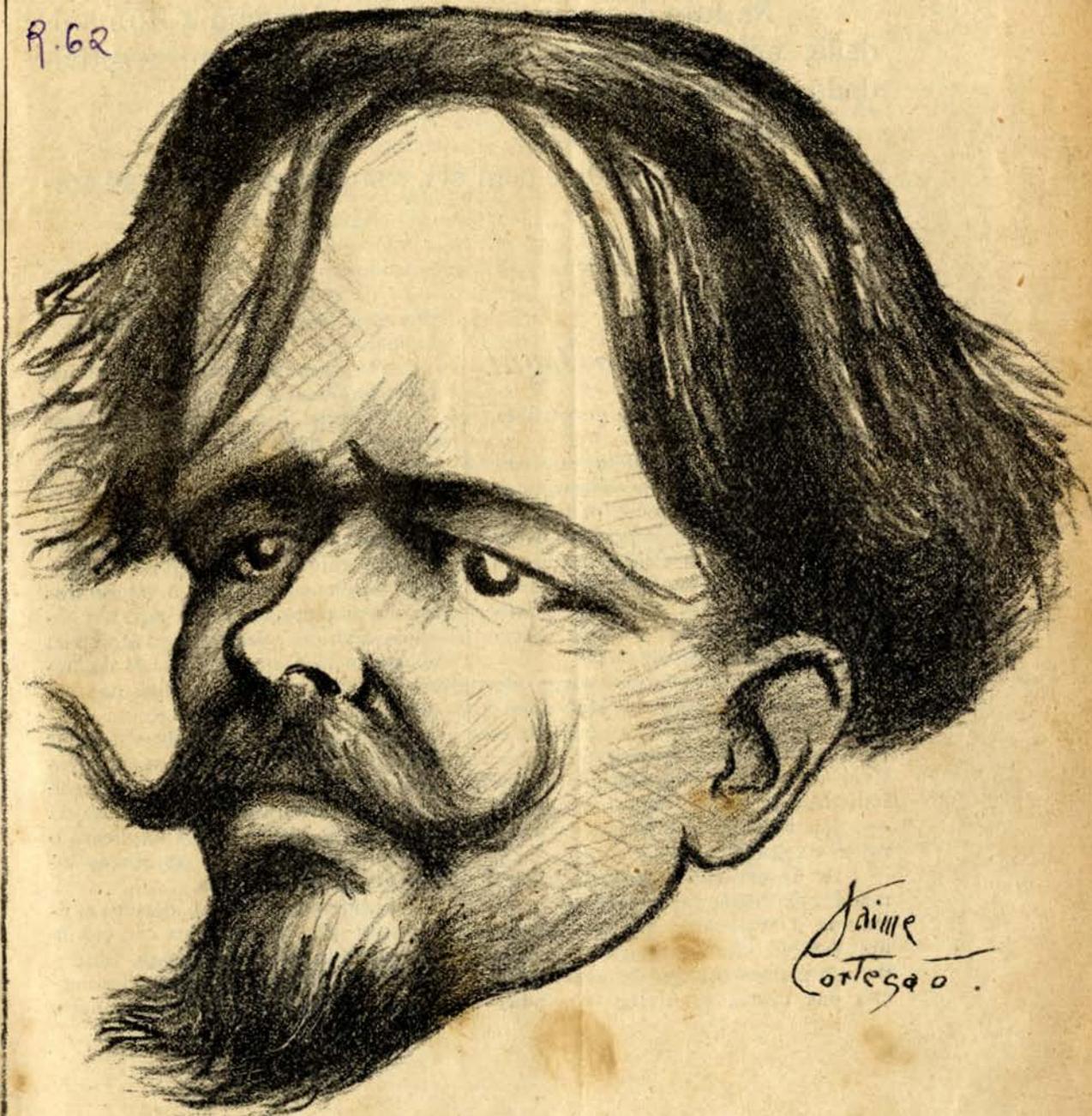


2 de fevereiro  
de  
1907

# Novas Silvas

Revista ilustrada

R.62



Jaime  
Cortezão.

# LIBERTAS

Sem servilismos de programas, de escolas, de dogmas—absolutamente livres de preconceitos—obedeceremos tam sómente aos impulsos da razão incoercível e indomada.

Libertas!

Na luta das paixões, que convulsionam a Humanidade, será essa palavra fecunda o estímulo da nossa actividade, a directriz do nosso esforço.

Libertas!

Sim, liberdade e com ela, o supremo Bem, a suprema Justiça.

## *O homem livre e o homem legal*

A Lei, que presume de perfeita, concede o cidadão.

O cidadão é o homem mutilado. Cérebro livre no cárcere estreito e tenebroso da ignorância, coração livre de sentir os mais profundos enternecimentos no horizonte oculto do subjectivismo inacessível, ventre livre de dizer, . . . o respeito pela propriedade alheia—eis a *Bera* liberdade do homem legalizado!

Alma de herói em corpo de truão está o homem na jaula miserável da Lei. A Lei, por omnipotente, é omnisciente, e por isso incompatível com o critério científico de relatividade em que diz fundamentar-se. Sejamos claros e tenhamos a coragem da opinião.

A observação histórica, confirmada pela observação actual, mostra-nos a trajectória humana como um esforço contínuo para a liberdade, um penoso esforço de emancipação das castas escravizadas, vindas

do escravo—objecto ao proletário—animal.

O progresso feito é obra de cinemática social.

As forças sociais, factoras desse progresso, teem sido, por desconhecidas, desaproveitadas. A evolução inconsciente obedecia apenas ás forças selvagens da consciência sensível. Reveladas essas forças na linguagem cuidada da já agora elaborada consciencia crítica, o estudo dos fenómenos sociais será, por um comum artificio científico, feito pela aplicação das energias sociais conhecidas á actualidade estática das sociedades observáveis.

Assim o comêço de qualquer tentativa sociológica será a observação psico-fisiológica da humanidade presente. Posteriormente o estudo da humanidade histórica nos explicará o presente evidenciando as forças sociais dele constructoras.

O homem moderno destaca nitidamente uma antinómica característica, produto dum necessário desdobramento de personalidade. Intelectualmente elevado a culminâncias

estonteadoras, é, para êle a civilização uma fascinadora fada de májicos poderes, a ciência uma jigántea águia, que, firme nas suas vigoras asas, corta rápida e audaz pelo infinito da actividade còsmica e á luz da razão lhe vem decifrar os segredos maravilhosos.

Mas o movimento é o desequilíbrio de fôrças e o progresso humano intelectual tem-se feito com prejuizo do homem moral. Assim a constituição orgânica da sociedade moderna foi elaborada por fôrças desencontradas, sendo predominante a especulação racionalista. O homem moral desatendido começa hoje a pedir, insistente e imprescritivelmente, logar na civilização e dar o antagonismo entre as duas entidades componentes que resultam o homem moderno, vaidoso e insolente pela certeza da sua potência intelectual, e contemporaneamente aflito e macambúzio, curvado como pelo pêso dum oculto remorso, ansioso e hesitante, neurótico e suicida. Vemos então o angustioso esforço para a tranquillidade, tentado diferentemente pelos caracteres diversificados pela preponderância do homem-cérebro ou do homem coração. Uns tãntam escapar á voz da consciência moral pela inteligência indagadora do valôr positivo dessas impertinentes exigências.

São os cépticos, superficiais e egoistas, burgueses ociosos, escritores canainas sem ideais e sem hijiene, a mocidade mediocre com a alma mirrada e o corpo nédio e bem cuidado, os bem instalados no banquete da vida e os solitários neuróticos, os estômagos de difíceis dijestões e os cérebros de estagnadas ideias. E' o imenso pântano dos indiferentes só sensíveis aos prazeres do estômago e ás voluptuosidades da carne. Estes desconhecem os motivos que o sentimento dá á inteligência, para a elaboração dos conceitos. São cadáveres e só a muita luz das almas superiores os poderá galvanizar.

Outros tentam fundamentar as suas concepções positivas pela observação da fenomenalidade social,

olhado o homem como unidade social e atendida a sua integralidade orgânica.

Procuram uma base positiva para a Moral humana, constataam a sua existência, proclamam a religião da humanidade e esperam tranquillamente o momento da revelação dêsse novo Deus. Assim o momento revelador surjirá no dia em que a democracia, (fórmula social em que *teóricamente* governa a maioria) acabe com a minoria governada pela sua incorporação na maioria governadora. Supondo que a humanidade seguia êsse absurdo caminho, o fim ideal, tradutor do homem integral psíquico, jámais seria atinjido, porque nessa luta feroz e contínua de cada classe e cada individuo pela sua entronização governativa, era certa a extinção violenta da humanidade.

A plena florescência do homem, desenvolvendo todas as suas energias, expandindo-se livre e impetuosamente, tendo por limite de liberdade as leis da solidariedade apenas, empregando toda a sua inteligência na indagação da vida na compreensão da Natureza, abrindo a sua alma encarcerada ao sol fecundo do amor universal, respeitando o homem porque é seu semelhante, amando o porque é seu irmão, sentindo a sinfonia misteriosa da vida na melancolia feliz e esnadora da criança, adorando a mulher pelo que ela revela da Vida, pela religiosidade da sua tímida candura; eis o Ideal luminoso que afagam no mais puro de suas almas os homens sinceros e bons, que querem ouvir a consciencia moral, que os torna solidarios com a Vida infinita e a inteligência que procura amorosamente interpretar a linguagem dessa Vida e ensinar-lhes o caminho, que, na órbita da matéria, conduza á mais perfeita harmonia, á mais íntima comunhão, á mais pura forma!

Preconceitos de ordem nenhuma os prendem. A' fôrça atávica dum passado de opressão opõem a fôrça imensa dum futuro de liberdade real, que, pelo próprio condicionalismo da liberdade humana, será a harmonia

de todas as actividades converjindo para a plena, a ampla e luminosa criação duma humanidade superior realizada pela sinerjia orgânica de todos os homens livres.

Então esta sociedade que tomou ao pé da letra o vago princípio de Darwin não mais exgotará os homens numa produção irracional e disparatada; mas, pelo aproveitamento útil de todas as energias, organizará uma produção inteligente, honesta e fecunda, determinada pelas necessidades do consumo, acabando assim com o espectáculo degradante e imbecil das crises de abundância, que tam repetidas hoje, concluem pela fome das classes obreiras espinhadas. E' o que os factos dizem, é o que começam de ver os mais míopes, é o que todo o homem de são critério e honesta consciência não oculta.

O direito divino de conduzir povos não pertence a homens.

Deus pela palavra da consciência o pôde sómente fazer.

E esta ideia de Deus é hoje, não já um engano do nosso espirito tomando-se para medida do Universo; mas a expressão da solidariedade do homem com a Natureza.

A ortodoxia conteana, decretando a abolição dêste sentimento de solidariedade cósmica, revela sómente a existência de espíritos disciplinados ao ponto de, por imposições de método, desprezarem o que lhe é estranho e insubordinável. Deus é o ponto de encontro de todas as almas ansiosas, indagadoras da vida. Realiza-se pelo amor, que é a linguagem pura das atracções cósmicas.

Ouvida a voz da consciência moral, o homem livre será a unidade bela da sociedade livre.

Que o desequilíbrio jerador do progresso se faça á custa das energias animais retrógradas, que fazem do homem um animal bastante imperfeito para o Dr. Metchnikoff afirmar a sua orijem simiana teratológica.

Pôrto

Leonardo Coimbra.

### Meu irmão Rouxinol!

Brilha o luar a *giorno*. Cai em cheio  
sobre a floresta bárbara e profunda...  
onda do mar do Céu que á terra veio  
e toda a praia do arvoredo inunda.

Perto do tufo ou fronde que reluz,  
a treva cava abismos na bosquejem;  
veio pintar esse Rembrandt da luz  
a claro-escuro a tela da folhagem.

Invade a verde catedral pagã  
(onde uma força antiga se venera)  
e constrói no silêncio o altar de Pã  
com musgos, troncos e brocados de hera...

Primavera: circula um sangue novo,  
já o milagre verde se produz:  
levanta-se a floresta como um povo,  
que ergue os braços ao Céu pedindo luz.

Dentro da selva diminui o alvor...  
reticulos de luz crepuscular...  
segundo Céu de abóbada inferior,  
onde flutuam nuvens de luar...

Cronista mor do tombo da verdura,  
inscreve com as folhas dos salgueiros  
a sua icroglífica escritura  
no aquático papiro dos ribeiros.

O! doloridos sinceirais pendentes  
que mergulhais na linfa a verde rama,  
parai de ler os clássicos correntes,  
dentro de vós vai-se escutar um drama...

Paira um silêncio virjem, cheio de ánsia  
de que haja estrofe ardente que o viol'...  
já se adivinha a jênese da estância...  
e começa a cantar um rouxinol:

Quebros, gorjeios, trilos que articula  
em trémula voz cauta,  
voz leve que trauteia e que modula  
como um prelúdio flébil duma flauta.

Cala-se. E a voz subiu, como se fosse  
limpido veio de água, forte e ágil,  
nascente que borbulha, clara e doce,  
nessa canora gárgula tam frájl;  
e cresce e foge e flui o garganteio,  
subindo em variações prodijiosas  
do arfar veloz do cristalino seio,  
fonte caudal de pedras preciosas.

Já susta a voz numa pequena pausa,  
já, como se um ataque de alegria  
lhe sacudisse o corpo e desse causa  
a novas cataratas de harmonia,  
lhe retine mais lesto o seio inflado  
num crebro cascalhar de notas finas  
trémulo, forte, vivo, hilariado  
á doida... em gargalhadas arjentinas.  
Logo canta em surdina e docemente  
abrandando o seio... tenuiza a voz,  
a morrer, a sumir-se... e de repente  
em fuga alada, em repto veloz,  
assombroso de audácia, breve expulsa  
novos trinados, melodias céreas,  
apressa ainda a gárgula convulsa  
e termina num jacto de pérolas.

Paíra uma nuvem ténue de perfumes  
dentro da selva; a fonte melodiosa  
abriu também num fio de queixumes,  
em suavíssima toada suspirosa;  
faz-se elejia, narração sinjela  
com melindres de voz, em certos lances,  
mas logo se perturba... e eis que revela  
a dor de amar nos mais punjentes transe.  
Entra a ser tam queixoso e enternecido  
cada periodo do treno que éle entoia  
de tam sincera má:oa... que duvido  
que haja peito cruel que se não doa.  
Até que em desolato, humilde entôno,  
como um amante que supplica em vão,  
numa crise suprema de abandôno  
chora que é de partir o coração.  
E enquanto do mais fundo a dor acorda,  
tanta, que não há peito que lha esconda,  
um oceano de lágrimas trasborda  
e faz pular-lhe o seio de onda a onda.  
Depois afrouxa o esto ao chôro largo,  
que o sufocado peito já não sofre  
a torrente da dor; arqueja aflito...  
inda um soluço amargo...  
até que expede a voz, hirto, de chofre,  
num lancinante grito.

Mas a dor vigoriza como um tónico,  
reconstitui a carne fibra a fibra,  
por isso mais fluente e mais harmónico  
Súbito o canto vibra.

As notas logo de comêço atinjem  
num ímpeto continuo, estrênuo e forte  
as alturas dementes da vertijem  
a maravilha alada do transporte.  
Vai de expedir em jorros surpreendentes  
rio de estrofes, que, dum leito á mingua,  
flui a principio em pérolas cadentes,

depois rebenta, golfa, forma lingua,  
abismo, catarata e tanto avulta  
que ao cair de alto rola e se alevanta  
despenhado de alguma serra oculta  
na limpida garganta.

Extasia-se. Em turbilhão de pasmo  
mil sentimentos rápidos exprime,  
e a subir num crescente entusiasmo,  
ciclope na escalada do sublime,  
conflagrado de impulsos jeniais,  
tira do seio em jactos de forja  
jirândolas de notas musicais,  
golfadas de fuljente pedraria,  
tetanizada em frêmitos a gorja  
num raptô supremo de harmonia.

A'guia do som a procurar a altura,  
és a íntima voz da força viva,  
o alento universal, que em nós procura  
voar, fujir á forma evolutiva.

Teus soluços, teus ais, tuas estâncias,  
o impulso que em ti faz subir a voz,  
são outros tantos gritos, outras ánsias  
do Tântalo, que habita em todos nós.

¿Fogo de amor é que teu seio ajita?  
amar é ser fecundo, ser disperso,  
fôrça maior e eterna, pois, palpita  
no impulso libertário do Universo!

Por isso, ao escutar-te a melodia,  
os fluidos vejetais correm a mêdo  
e um frêmito de assombro e de estesia  
afiora e crispa as franças do arvoredo.

Fonte perene de poesia, alaga  
aqueles corações, onde se acoite  
o fogo do sublime;... eia embriaga  
e canta, chora, vibra toda a noite,  
enquanto a estrêla d'alva não se avista  
e não surge no Cêu o alvor da Sol,  
jénio das selvas, solitário artista  
meu irmão rouxinol!

S. João, agosto de 1906

**Jaime Zuzarte Cortesão.**

Enquanto existir o Estado e a violência  
que o mantém não importa sob que forma, não  
poderá haver liberdade, verdadeira liberdade, tal  
como os homens a compreendem e sempre com-  
preenderam.

*Tolstoi.*

## O UMBIGO DOS PAIS PRIMITIVOS

Não é motejo. E' curiosidade, e curiosidade livre de qualquer má-intenção.

Nada mais natural que procurarmos saber se o nosso primeiro pai teve umbigo, e se a enganadora fêmea dele era isenta de igual feito.

Como sabemos todos, há quem afiance que o excelso Criador, realizadas maravilhas inúmeras, esculptou em barro ordinário o patrão dos outros animais—*à sua imagem e semelhança*.

Um Espírito, uma Fôrça que existia, antes de feito o Universo, no nada, insulada, inerte, sem acção, sem manifestar-se, e que fêz semelhante a si um Corpo, um Homem, Matéria!

Tornou-lhe os ossos articulando-os, cobriu-lhos de variados músculos, sulcou-o de vasos, inervou-o: fabricou-lhe as tripas e o coração, o encéfalo e os pulmões, ou ouvidos e os olhos, a gordura e a pele; moldou-lhe a forma:—com o mesmo barro, com a mesma lama manipulou órgãos, tecidos, células de toda a casta:—com a mesmíssima substância estruturou, com delicadeza extrêma, protoplasmas, núcleos, organoides celulares... muito mais pequenos que um grão de terra.

Olhou o imaterial Escultor para a sua obra—o *homem*, conjunto intrincado de aperfeiçoadíssimos órgãos da mesma massa, diferenciados sem função,—e num sôpro... meteu-lhe a vida no corpo.

Adão despertou de súbito, espreguiçou-se, e nada atarantado agradeceu talvez a sua enjenhosa factura.

De entre os arautos de tal feito, admirando e tremendo, quero destacar Sam Rafael, o gentil e façanhudo Arcanjo, que assim dizia a Adão, no tempo em que êste veraneava pelo E'den:

...O Omnipotente então, que abranje tudo, Em plena côrte fala ao Númen-Filho: —«Façamos o homem: nele resplendeça A semelhança nossa, a nossa imagem;

Como em domínios seus êle governe  
Em toda a terra, nos viventes todos.»  
Disse:—e do pó, da terra, Adão, formou-te,  
Suas próprias feições em ti moldando;  
O alento divinal deu-te da vida.

Não é da Bíblia, é de Milton, mas o poeta não fêz senão pôr o que a Igreja conta—na boca do esforçado Sam Rafael ao matar a curiosidade de Adão que

Saber tenta com desejo inócuo  
Como, porquê, de quê, por quem e quando  
Tenha sido criado êste Universo. (1)

O divino Artista, incompreensível Fôrça *com forma* livre da Matéria—manipulado o homem *à sua imagem*—reconheceu que não era bom deixá-lo só; sózinho e virilmente construído, com todos os requisitos, seria muito pecaminoso e pouco hijiênico.

Resolveu então presentear-lhe um *adjutório* apropriado.

Fêz-lhe a extracção de uma costela, tendo-lhe incutido um sono pesadíssimo, e dela confeiçou a mulher.

Que a costela era das *falsas*, não há que duvidá-lo: atesta-o a apregoada falsidade das mulheres, particularmente a de Eva.

Lá diz o cantar andaluz:

La primera la hizo Dios  
y esa engañó al padre Adán;  
cuando a esa la hizo Dios,  
¿ las demás cómo serán ?

E das *falsas*, (2) afigura-se-me que a costela era *flutuante*—haja em vista... a inconstância das mulheres, cujo reconhecimento se pode sintetizar—para não ir mais longe—nos imortalizadores da nossa Península.

Nunca ponha ninguém sua esperança  
Em peito feminil que de natura  
Sómente em ser mudável tem firmeza.

E ao lado do Poeta está o glorioso *mutilado de Lepanto* que *entre o «sim» e o «não» da mulher se não atreveria a colocar uma ponta de alfinete, porque não caberia.*

Assente me parece ficar, pois, que Eva foi orijjada de uma *costela falsa e flutuante* (*supra-numerária* decerto) orijem muito mais grata que a referida na Beira-Alta, onde é tradição que, estando Deus para formar Eva da célebre costela de Adão, veio um cão e levou-lha. Corre Deus atrás do cão e agarrando lhe a cauda, dela fêz a mulher, dizendo:

Tanto vale fazer Eva  
De uma costela de Adão  
Como do rabo de um cão. (1)

Para Adão e Eva não houve, era escusado dizê-lo, ovo: e como havê-lo? onde óvulos e espermatozoides?

E não havendo embrião, não apresentando formas embrionárias como poderiam ter umbigo? A embriologia nada tem com êles.

Adão e Eva nasceram... adultos, prontos a desempenhar todas as funções orgânicas.

Nasceram *evolucionados*. Adão até devia ter glândulas mamárias rudimentares, *atrofiadas*...

Um môno de terra bruta fêz-se homem, racionalizou-se, e Eva foi uma costeleta consideravelmente correcta e aumentada.

Não é inteiramente fora de propósito, referir que, por causa de tais umbigos, já foi torrada pela Santíssima Inquisição um esperto habitante da cidade de Lima.

Quem nos conta a história é Ricardo Palma — um escritor moderno, de Lima, orijjal e muito chistoso — no seu interessante livro — *Tradiciones Peruanas*.

Eu resumo: Em 1607, Juan del Castillo, namorado, serenateiro, improvisador matava algum tempo suscitando disputas com um frade — fr. Rodrigo de Azula. Eram as discussões em verso, trocando-se epigramas cáusticos que eram o entretenimento dos que freqüentavam o escritório de Cristóvão Vargas, onde se realizavam tais duelos de língua.

O D. Juan, de uma vez, impin-

je ao reverendo estas rimas de *gato coxo*, como as limenhas diziam e naquele tempo em moda:

Santo varón  
más grueso que el marrano  
de San Antón.  
Dómine Azula  
promiscuador eterno  
sin pagar bula.  
Padre Rodrigo,  
para habértelas no eres  
hombre conmigo.  
Tu Teología  
es leche avinagrada  
cemita (4) fría.  
Toma, tomates  
tesis para que abortes  
cien disparates.  
A tí lo digo:  
¿ a ver, ¿ *tuvo ó no tuvo*  
*Adán ombligo?*

A discussão foi das mais azêdas. O frade provou com muitos latins que Adão se não diferenciava dos descendentes e que teve... *la tripita ó excrecência llamada ombligo*. Argüia o outro que não sendo Adão filho de fêmea, para nada precisava de cordão umbilical, e — diga-se de passagem — Deus só depois de formar o homem *pensou* em fazer a mulher (segunda a última edição da anti-científica historieta) e portanto no processo de conservar a espécie. Como poderia pois Adão possuir já umbigo? Verdade é que se o não tivesse jámais seria semelhante aos descendentes, porque a ausência de tal enfeite acarretaria diferenças profundas na sua constituição orgânica.

A discussão generalizou-se e dentro em pouco na cidade não se falava em outra coisa.

A Santíssima Inquisição, para remate, qualificou as palavras do picante limenho de *escandalosas e herejes*, e o pobre trovista foi encafurnado num calabouço, donde saiu a 10 de julho de 1608 — domingo da Santíssima Trindade — a fim de ser queimado para maior glória da infinita Bondade e da infinita Misericórdia de Deus.

Foi o primeiro, e único, limenho assado pela Inquisição, devendo-se notar que êle era *retoño de portugue-*

# A ORDEN

ANDE LA  
P'TA  
DIENTE...

V.F.  
PORTO  
1907





Joidedneyra

—... A silda fez um casamento muito, muito feliz.....  
o Alberto quasi nunca está em casa....

ses, filho de um português judaizante como o frisa o escritor peruano.

Ricardo Palma acrescenta que a questão não valia um pepino e que espera sair da curiosidade no dia de juízo final á última hora.

De feito, então poderemos ver se tinham umbigo os nossos pais primitivos e se êles eram tam formosos, belos e poéticos como os imagina Milton, ou feios, peludíssimos, ultraselvajens quais os pinta Luis Figuiier *embora com isso se possa melindrar o nosso orgulho*, como êle diz no «Homem primitivo».

Mas... é verdade! podemos sabê-lo já.

Adão compôs, segundo muitos católicos, dois cânticos: um depois da criação da sua cara-metade e outro depois de se perder com a maçã. Adão era meio *literato*.

Pois bem: imploremos ao snr. Fernando de Lacerda que nos transmita um novo cântico de Adão, acerca do umbigo dele e da sua conversada.

Pôrto, janeiro de 1907.

### C. Basto.

(1) *Paraíso perdido*. Trad. de Leitão.

(2) As costelas são *verdadeiras* ou *falsas* conforme se articulam ou não com o esterno. As duas últimas das costelas *falsas* chamam-se *flutuantes* por serem livres em toda a sua extensão. Adão devia ter mais um destes ossos.

(3) *Tradições populares de Portugal* por Leite de Vasconcelos.

(4) *Cemita* por *acemita*—pão ordinário, que os pobres de Lima usavam (R. P.)

Todo o milagre, se existisse, provaria que a criação não merece a veneração que lhe tributamos, e o mistério necessariamente deveria concluir da imperfeição da criação a imperfeição do Criador.

Cotta.

Só as pessoas capazes de amar ardentemente podem experimentar uma dor violenta, mas essa mesma necessidade de amar serve de contra-veneno á dor, e cura-as.

A natureza moral do homem é ainda mais vivaz que a sua natureza física: a dor nunca o mata.

Tolstoi.

## Palinjenésia social

Renascimento. Rejeneração.

E' positivamente na fase juvenil da vida que estas idéias tam sugestivas e tam evocadoras mais entusiasmam a alma humana.

E não é só um renascimento momentâneo, uma rejeneração para a vida dum homem, o que o estimula e lhe dá corajem, audácia e abnegação.

Acima dêsse intuito que a consciência universal não saberia classificar de nobre, ergue-se mais poderosa, a colectividade a superar o individuo, a sociedade a superar as classes.

E', pois, sobre a sociedade que incidem todos os impulsos da jenerosidade humana.

Todo o lado selvajem da espécie desaparece perante essa ideia.

A crença religiosa, como principal obstáculo á sua propagação é repellido e desfeita.

A convenção reduz-se.

O preconceito aniquila-se.

Em todos os espiritos surge uma nova luz. Mais clara, mais brilhante. Irradiando a suprema bondade e o supremo bem.

As sonhadoras concepções de outrora volvem-se na aspiração indispensavel a todo o ser que pensa.

Já não só nas castas privilejiadas por mais elevadas condições intellectuais, já não só na imperceptível lejião dos instruidos.

A ansiedade dum horisonte mais livre, mais consciente, mais racional, frutificou também na imensa coorte do analfabetismo.

Ressalta talvez paradoxal a união do analfabetismo com uma liberdade consciente e racional.

Mas, seja assim muito embora, seja essa liberdade apenas uma imitação da natureza, injénuo e simples, o que não ficará duvidoso é que, espalhado por todas as inteliências, existe e existirá crescente esse prodijioso fulgor que nos emancipará.

Em 1867 sonhava Victor Hugo para o seculo XX, uma nação-ideal.

grande, raciocinadora, pacífica, tendo por legislação um *fac-simile* do direito natural e por centro — Paris.

Essa nação seria a Europa, e daí irradiaria toda a civilização.

A guerra acabaria.

A ignorância seria proscrita.

A política resolver-se-ia pela ciência.

Sadowa abominada.

Austerlitz e Waterloo apagados na recordação humana.

Felizes tempos!

Completa liberdade, completa justiça, suprema ventura.

A verdade dominando, a consciência presidindo.

E para isso não um homem-Messias, não um povo-Messias, não Israel.

Não um grupo imbecil, não uma facção tirânica, mesquinha por prepotente, inepta por orgulhosa.

Para esse fim, que pouco importa seja realizado ao Norte ou ao Sul, a Leste ou a Oeste, sinceridade absoluta e absoluta solidariedade.

Cessação completa de toda a hipocrisia que separa os indivíduos, entre si e da sociedade.

Uma radical transformação nos costumes de todas as classes.

Mais amor, mais dedicação.

Destruída a superioridade decretada, destruída a escravidão da mulher.

Direitos relativamente idénticos para ambos os sexos.

Abstração do passado e completa esperança no futuro.

Passado dos tempos e não dos homens.

Futuro dos homens e não dos tempos.

O homem faz o tempo. E se o tempo foi o Terror de 1793-94 ou a Comuna de Paris não é aos homens que temos de esquecer — é aos factos.

Marat, Danton e Robespierre, chefes dos montanhesees, perdurarão eternamente.

Os 553 dias de perseguição (21 de Janeiro de 1793 (\*) a 27 de Julho de 1794 (\*\*), não mais serão lembrados.

Do mesmo modo a insurreição de 18 de março donde saiu a Comuna não voltará a horrorizar com seus fuzilamentos.

Contrariamente, para futuro, não é aos homens que deveremos especializar.

Todos êles constituirão um só, porque todos êles entrarão no desenvolvimento total com um esforço equitativamente proporcional ás suas aptidões e á sua organização.

Dai — motivo nenhum para destaques ou evidências sob o ponto de vista autoritário.

Apenas e sempre a variação intellectual como causa também da variação consideradora.

Sim, superioridade racional, mas não e nunca domínio consciente, não e nunca direitos preconcebidos, falsas posses e falsas atribuições.

Os tempos mudarão.

E, indubitavelmente, no sentido da perfeição.

O progresso da democracia acentua-se extraordinariamente.

A verdade existe em todos os seres.

Calcada pela subserviência, oculta pela tirania, mas sempre viva, sempre clamorosa, sempre prescrutando um grito mais sinceramente apaixonado, uma voz mais puramente libertária.

Então, não acorda porque não dormia; ergue-se, avigora-se, apronta-se para a luta, avança, não treme, invade, conquista, alcança simpatias, adquire adeptos, entra nas consciências, fortifica os ânimos, dá-lhes alento e tudo está feito.

Da antiga intransigência apenas resta o nome.

Alevanta-se uma nova existência.

Sobre o cume da antiga se lançam as suas bases.

As verdadeiras noções de consciência generalizam-se e adoptam-se.

Todas as condições de liberdade evoluem gradual mas fixamente.

Donde, sem desmentido, aproximar da regeneração.

Pouco resulta, que um bando infame de reaccionários tente deter ou retrogradar talvez, a trajectória inviolável duma causa tão perfeita.

Ela não necessitará da arrogância para sobrepujar toda a crença e toda a mentira.

Não se servirá da fôrça para rancorosamente espesinhar o pensamento que a combata.

Não usará o homicídio ou o sequestro como ambiente de desprezível vingança.

Serêna, altiva e imaculada essa palinjesia terá dum lado a Verdade e do outro a Justiça.

Com a Verdade iluminará os espíritos.

Com a Justiça fortifica-os-á.

**Alvaro Pinto.**

(<sup>1</sup>) Morte de Luis XVI.

(<sup>2</sup>) Morte de Robespierre.

Newton dizia—Parece-nos... Kepler dizia—Submeto-vos essas hipóteses... Os senhores de hoje dizem—Afirmo, nego, isto é, isto não é, a ciência julgou, a ciência pronunciou, a ciência condena—ainda que no que alegam não haja vestígio dum argumento científico.

*C. Flammarion.*

Não se deve considerar o governo do universo fora do mundo mas como a razão imanente ás forças cósmicas e ás suas relações.

*Strauss.*

Deixar de amar e começar de novo a amar, é amar duas vezes mais que antes.

*Tolstoi.*

A ciência pôs em retirada o Pai da Natureza e acaba de reconduzir Deus até ás suas fronteiras, agradecendo-lhe os seus serviços provisórios.

*Aug. Comte.*

A ideia duma fôrça criadora inactiva, sem realidade objectiva, é tam absurda como a ideia duma fôrça sem matéria.

*Büchner.*

## Vulgarização doutrinária



### CATECISMO LIBERAL

Pergunta. — E's liberal?

Resposta. — Sou.

P. — E o que é ser liberal?

R. — E' ser partidário da liberdade.

P. — Mas de que liberdade?

R. — Direi antes *das liberdades*: de todas as liberdades sociais.

P. — E o que entendes tu por liberdades sociais?

R. — As liberdades do homem vivendo em sociedade com o semelhante.

P. — Quais são então essas liberdades?

R. — Essas liberdades são de diferentes categorias: sob o ponto de vista religioso, liberdade de professar qualquer opinião que seja e de exteriorizar em actos essa opinião, sem ser obrigado, relativamente ás outras religiões, a mais que ao respeito que se infere duma permanente tolerância; sob o ponto de vista político, liberdade de escolher, dentre todos os nossos eguaes, que são todos os homens chegados ao uso da razão, aqueles que nos pareçam

mais dignos para a gestão dos negócios públicos, a egualdade de intervenção na confecção das leis e o respeito absoluto da dignidade individual, pelo reconhecimento da integral individualidade moral, intelectual e física de todos e de cada um: sob o ponto de vista económico liberdade de escolher o trabalho que mais me agrade, de me associar para o trabalho com quem melhor me apegue, e de dispor livremente do produto integral do meu trabalho.

P.—Podes resumir-me tudo isso numa só definição?

R.—Posso. A Liberdade será o direito garantido a todos de desenvolverem a sua plena actividade, livres de qualquer coacção, contanto que essa actividade seja norteada por um critério de justiça.

P.—E o que entendes tu pela expressão: nortear a actividade por um critério de Justiça?

R.—Sendo a Justiça o respeito da nossa própria dignidade reflectida nos nossos semelhantes, deverão ser-nos livres todas as acções que não firam nos outros a dignidade que em nós queremos ver respeitada.

P.—Então já passou a idade da fé?

R.—Por certo. Crer é subordinar a razão aos ditames da Igreja, aceitando humildemente, como verdadeiros, princípios e factos que nem a experiência verifica, nem a filosofia adopta, nem a história corrobora. Esta passividade de espírito, própria da infância mental da humanidade, é imprópria do nosso estado médio de cultura, do adeantamento das ciências exactas e das descobertas realizadas na história.

P.—Então o que pretendes substituir á velha fé?

R.— A razão.

P.—Mas a razão humana é falível; e tanto que a filosofia ra-

cionalista vai hoje em completa bancarrota...

R.—Sim, a razão humana é falível; mas acaso aqueles que nos ensinam as presumidas verdades da fé teem uma razão superior á nossa?

P.—Teem por si a tradição...

R.—O que apenas prova que teem sabido enganar a humanidade durante muitos séculos.

P.—Enganar a humanidade!... Mas se foi o proprio Deus quem revelou as verdades que elles ensinam?...

R.—E quem prova essa revelação?... Os crentes, que nada verificam, aceitam-na apenas sob palavra dos interessados. Nós raciocinamos, criticamos a fé. Confrontámo-la com as verdades colhidas da experiência científica. Estudamos a sua evolução através da história, evolução que basta a provar a sua origem toda humana. Numa palavra: deante do dogma que nos reclama a submissão da crença, declaramo-nos altivamente livres-pensadores.

P.—E o que é ser livre-pensador?

R.—E' não aceitar como verídicos nem princípios nem factos que vão de encontro ao senso comum, que estejam em opposição com os dados da Ciência, com as regras da Lógica ou com as descobertas da Historia. Ora todas as religiões positivas pecam por todas essas formas.

P.—Os povos precisam de quem os governe?

R.—Os povos são homens. Homens serão igualmente aqueles que os tenham de governar. De governados para governadores pode haver, e nem sempre há, uma diferença de cultura; de capacidade nativa, não. Porque hão de pois uns governar enquanto outros obedecem?

P.—E porque é que o pastor governa o rebanho?

R.—Porque o pastor é ho-

mem e os rebanhos são bestas. Que as bestas sejam governadas e que os homens sejam livres.

P.— Isso é anarquismo puro.

R.— Eu não tenho horror ás palavras, nem fetichismo por elas. E' ou não é razoável o que digo?.. Isso é o que me interessa. Quanto á classificação que caiba ás minhas ideias, nem nisso penso.

.....  
Heliodoro Salgado.

---

## VÁRIA

---

### «Nova Silva»

O nome da revista irritou os cérebros de fenda simiana, profundamente marcada.

— *Silva?*! Uma revista apelidada *Silva?*!

E uns inquiriam se a revista era de botânica e outros estavam fiados em que ela se chamava *Silva* como podia chamar-se *Magalhães*, *Costa*, *Marques* ou *Freitas*. Houve quem nos dissesse devotos de S. Silvestre a par de outros que nos encorporavam na irmandade de Nossa Senhora da Silva.

Ignorância supina!

Os que se chegavam a nós dardejavam-nos quatro descomposturas e aqueles a quem tínhamos a caritativa pachorra de explicar o motivo do título, riam-se incrédula e desdenhosamente.

E

*¿quien podrá desengañar  
la ignorancia y la insolencia?*

disse, com acêrto, Lope de Vega.

Pois elles não haviam de saber todas as significações da palavra *Silva*! E' raro um português não parolar de tudo.

E em vez de encolhidamente farejarem um dicionáriozinho saíam as ratas sâbias, prenhes de filáucia, a chasquear da *Silva*.

Mal íamos se fôssemos citar, a êsses petulantes, passos de au-

tores clássicos para justificar o nome que escolhemos para a revista.

Elles apenas lêem os cartazes das esquinas e as folhinhas dos calendários.

Não queremos apontar-lhes também o que dizem os dicionários de Fr. Domingos Vieira, Moraes, Aulete, Cândido de Figueiredo e até o de João de Deus. E' comida demasiada fina.

Mas não podemos furtar-nos a indicar-lhes dois dicionários do Povo que (sem reclamo) apenas custam uns três tostões, cada um.

O n.º 3 dêsses dicionários do Povo é o dicionário da língua portuguesa; diz êle:

*Silva*... *miscelânea literária*.

Já dá ideia. O dicionário português-francês da mesma colecção diz:

*Silva* .. *Collection de traités sur divers sujets* (cautela: *sujets* quiere dizer *assuntos*).

Ora aí estão dois modestos dicionáriozinhos que dão a entender o que será *Nova Silva*!

Se em vez de *Silva* — fosse, por exemplo, *Magazine* todos finjam perceber...

★

A ortografia da revista não deixará por certo de espantar algum leitor *em branco* sôbre o assunto.

E' ela baseada nos trabalhos dos principais estudiosos da nossa língua, dos quais colhemos o que nos pareceu mais racional, transijindo com usos fundamentalmente enraizados, já agora invioláveis.

Quanto ao português... é por conta e risco do dono.

★

### *O carnaval e o liceu*

¿Que ligação poderá haver entre estas duas instituições — O carnaval e o liceu?

Certamente nenhuma.

Nem queremos demonstrar o contrário, se bem que saibamos não ser caso de sensação darem-se nos liceus verdadeiros bailes de máscaras e espectáculos de outras mirabolantes espécies.

A questão, porém, é outra.

Os meninos do liceu do Porto e mais alguns colegas da Academia das *Feias Artes*, tiveram a sublime ideia de se fazerem representar no próximo congresso carnavalesco por uma soberba parurejação do seu clarividente bestunto.

Nada menos e nada mais que um *Prego ambulante*.

Fantástico! Verdadeiramente assombroso! (sem ofensa ao *Mano dos tubos*).

Como os tempos vão mudados!

Ainda não há muita sôma de anos o *realmente já agora* dum tal e a *tábua ou casqueira* doutro fulano eram o *prego* único em que os pobres *bichinhos* iam depender a pele.

Agora já se tracejam planos de májica e a celebridade sorri aos jovens por detrás duma máscara.

Extraordinário progresso!

Rica mocidade esperançosa como vais mal dirigida!

O teu caminhar não é êsse.

Deixa-te de máscaras e de carnavais.

Emprega o teu talento no estudo positivo da vida.

A' arte é indispensável que ande unido o útil.

E útil, não sob o ponto de vista comercial, mas sob o ponto de vista racional.

Abandona, pois, essa ideia que te roubou dias e noites, e sê mais ponderado no dispêndio da tua actividade.

Convence-te de que não procedes bem.

E senão atende um pouco:

O carro passa.

Supõe que atraí e agrada.

¿Que te resultará?

Uma dúzia de pétalas murchas, dúzia e meia de sorrisos, duas dúzias de acenos e palmas.

¿Depois?

Ressenhas de jornais, pompas adjectivações, encómios já puídos.

¿Depois?

Tudo desfeito, tudo terminado, o esquecimento.

Isto, dada a melhor das hipóteses.

Mas supõe que o carro não agrada.

¿Resultado?

Completa indiferença.

E tanto num como noutro caso, trabalho perdido, figura caricata, imaginação desperdiçada.

Ainda estás a tempo, jovialidade irrequieta: desiste, quebra quaisquer promessas vãs que por acaso tenhas feito, e volta-te para outro campo mais lúcido e mais proveitoso.

O carnaval é a mentira.

A tua fôrça deve ser a verdade.

\*

### Bibliografia

Abriremos esta secção logo que a isso nos dêem ensejo.

\*

### Colaboração

Aceitamos toda a colaboração que nos seja enviada.

Reservamo-nos, porém, o direito de a inserir ou, não conforme o julgarmos.

---

## EXPEDIENTE

Considerâmos assinante todo aquele a quem enviâmos a «Nova Silva» e não no-la devolva imediatamente.

— Sempre que qualquer assinante tenha de dirigir-se à Redacção, deve fazê-lo indicando o número da cinta.

# TIPOS DAS RUAS



O "Doutor."



V.F.  
PORTO  
1907